

ASES DO SENTIDO: A POÉTICA DE VERA LÚCIA DE OLIVEIRA

ACES OF MEANING: THE POETRY OF VERA LÚCIA DE OLIVEIRA

---

GISLEI MARTINS DE SOUZA OLIVEIRA \*

**Obra resenhada:** OLIVEIRA, Vera Lúcia de. *Esses dias partidos*. São Paulo: Editora Patuá, 2022.

Entre o deleite e a catarse, o leitor encontra solo fértil para ressignificar o sentido das coisas por meio do fôlego poético de Vera Lúcia de Oliveira na obra *Esses dias partidos* (2022). A coletânea, por sua vez, surge num momento muito oportuno porque além do livro inédito *O tempo denso* (2021), também reúne uma “Antologia poética” (2004-2016) composta por poemas de outros seis livros já publicados pela autora, que permite ao público construir um repertório mais amplo do seu estilo poético. Residente na Itália desde 1983, a poeta e ensaísta consegue fazer o trânsito linguístico entre o português e o italiano, moldando seus poemas em um árduo trabalho estético que sintetiza uma percepção singular da ambivalência de dois mundos díspares, mas que se unem entre si.

A missão estética desta coletânea de poemas vai ao encontro de uma dimensão universal da linguagem, pois aborda uma diversidade de temas cuja profundidade e valor humano alcançam uma reflexão histórico-cultural da sociedade. Criativa e desafiadora, a obra *Esses dias partidos* se insere no cânone literário brasileiro a partir de uma perspectiva que captura os dilemas cotidianos das minorias, como também traz à baila o onírico, a memória e as questões existenciais que afligem a humanidade como um todo.

Nesse espaço de confluências, a poesia se torna engajada porque atua no aprimoramento das sensações, das emoções e do conhecimento do homem sobre si mesmo. O desvelamento do mundo pode ser exemplificado já nos primeiros poemas do livro inédito *O tempo denso*, o qual foi escrito durante a pandemia de Covid-19.

---

\* Doutora e pós-doutora em Letras (UNESP/Assis) e professora do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), sediado na cidade de Pontes e Lacerda, MT, Brasil. E-mail: [gislei.martins@ifmt.edu.br](mailto:gislei.martins@ifmt.edu.br). Or-  
cid: <https://orcid.org/0000-0002-9297-6558>.

No poema “todos os gatos tristes”, os versos tentam “abarcas os que / não têm onde pendurar a dor” e até mesmo o próprio sujeito-lírico se inclui na narrativa entre gatos, cães e animais de toda sorte que choram na sua porta. Com essa estratégia lírica da poeta, o leitor consegue penetrar na complexa doação de sentido feita a seres reais (animais e natureza) que também possuem sensibilidade.

O mais intrigante, criativo e desafiador jogo de linguagem está presente na dupla interpretação do poema “quarentena” que, por mais que seja curto, traz um significado latente para o momento de pandemia com uma pitada de humor: “ando tão escondida / que nem me acho”. A mistura do trágico com o cômico sugere os diversos subsídios que a poesia pode se valer para reunir os fragmentos de angústia e sofrimento pelos quais passou a humanidade durante o período de *lockdown*. Ao trazer a temática do cotidiano, percebe-se o entrecruzamento de diversos planos visuais, nos quais o sujeito-lírico, na procura ininterrupta pelo conhecimento de si, produz conhecimento sobre o seu lugar no mundo.

A primeira seção de *Antologia Poética* (2004-2016) corresponde à obra *Pássaros convulsos* (2004), que tematiza desde elementos da natureza até a reflexão sobre o fazer poético. O último poema “Nem todo verbo” torna-se representativo do modo pelo qual a poeta compreende a arte do manejo com as palavras e, conseqüentemente, com o papel em branco. O início deste poema é emblemático ao retomar a expressão bíblica que simboliza Cristo, porém fazendo uma referência ao trabalho poético com a palavra: “nem todo verbo / há de sangrar”. A metáfora se faz em carne viva aos olhos do público que sente como o peso de cada palavra toca o ser.

Em *Entre as junturas dos ossos* (2006), o espaço da subjetividade referencia os episódios cotidianos do ciclo familiar, como também os sentimentos resgatados nos desvãos da memória. O poema “Memória”, por exemplo, condensa esse mergulho nas profundezas do passado a fim de resgatar um sentido para a inevitável passagem temporal. Com uma “abundância de rastros”, o sujeito-lírico consegue “atravessar as esperas” em busca de reconstruir aquilo que se foi, mas cuja vitalidade ganha forma própria. Rastros que formam cicatrizes na memória e atingem até mesmo as “funduras de juntas”. A argúcia poética de Vera Lúcia de Oliveira pode ser vista, portanto, no trabalho primoroso com a linguagem que vem sempre carregada de múltiplos significados.

O título da seção seguinte, “No coração da boca” (2006), refaz o significado do clichê popular ao trazer uma visão voltada para as coisas insignificantes e que talvez

precisam ser lançadas aos olhos de todos a fim de serem compreendidas. Personagens anônimas ganham destaque como, por exemplo, dona Cota que começa a falar com os mortos e consegue criar uma compreensão para a finitude humana. Tal procedimento de escrita causa um verdadeiro curto-circuito na linha tênue que separa a poesia da narrativa. É possível visualizar como crianças, homens e mulheres ganham voz para manifestar os dramas mais recônditos presentes em suas almas.

Ainda, o tema da morte é retomado no poema “Acordou de noite”, presente no livro *A poesia é um estado de transe* (2010). O poema traz a narrativa sobre uma personagem feminina anônima que acorda à noite com um sufoco e angústia. Nada consegue mitigar a desolação frente à impossibilidade de reverter o problema, cabendo à personagem aceitar, de forma resignada, sua condição. A perspectiva fatalista se amplia com o recurso à metáfora eufemística construída no final do poema: “dentro da grande língua da terra / ela teria que entrar”. Com riqueza de estilo, portanto, Vera Lúcia de Oliveira equilibra estrutura e conteúdo ao criar uma imagem de acentuada plasticidade visual para um tema que atravessa a história da humanidade e mostra quão fugaz é a condição humana.

Nos poemas trazidos em *O músculo amargo do mundo* (2014), a autora invade um território perigoso ao encarar com astúcia crítica a realidade de pobreza e miséria presente nos grandes conglomerados brasileiros. A precariedade temporal se estende a personagens das mais diversas formas, misturando a indignação e anonimato à própria estrutura do espaço citadino, principal causadora das mazelas da população. A fome, a dor e o sentimento de vazio são alguns dos sentimentos que norteiam os poemas e revelam a face cruel do país. Tanto que a voz feminina do poema “nunca voltar nunca mostrar que sou falida”, provavelmente uma migrante do interior, deseja ocultar sua profissão como catadora de lixo, pois teme revelar “que o pouco juntado / foi tudo de uma vida”.

Por fim, a seção que contempla a obra *Minha língua roça o mundo* (2016) traz poemas com um tom filosófico e uma sensibilidade linguística que se refletem na escolha vocabular. As imagens de trânsito são resgatadas tanto da memória, como de flashes capturados nos cenários instáveis das cidades. Como um *flâneur* se movimenta pela cidade, assim também a poeta busca apreender a essência das coisas a ponto de negar a condição a que foram legados os seus conterrâneos. Contudo,

a advertência de “não cruzar a linha da luz onde a poeira balança sem memória” sugere como se torna arriscado penetrar no indizível e interditado socialmente.

Assim, a catarse se realiza por meio da conexão entre significante e significado feita pelo leitor durante a fruição de uma linguagem carregada de elementos visuais, cores, texturas e formas. Acredita-se, com isso, que a seleção vocabular de *Esses dias partidos* traz à tona a dimensão trágica de um mundo oprimido que encontra redenção mediante a própria linguagem. Assim como um quadro, os poemas de Oliveira buscam criar uma atmosfera sensorial que mescla ritmo, cadência e equilíbrio estético. Dessa forma, a originalidade e lucidez poética fazem de *Esses dias partidos* uma obra que atualiza o percurso literário da autora, sendo direcionada não apenas a especialistas da área, mas, acima de tudo, ao grande público que encontrará nela um porto seguro para descansar.

---

Submetido em 13 de agosto de 2024

Aprovado em 22 de janeiro de 2025

Publicado em 25 de maio de 2025

---